A Mutação

Marcelo Massari

Sinval acordou no meio da noite sentindo aquela aflição de novo. Havia dias que andava desassossegado, reclamando da dor latejante. Só que agora a danada estava forte demais! Levantou-se da cama apressado, acendeu a luz do quarto e foi ao espelho para ver o calombo que se levantava no cóccix: estava ainda mais inchado e vermelho. O aspecto definitivamente não era de coisa boa. Os pelos que nasciam ao redor parecia até que haviam se tornado mais espessos.

— Coisa medonha! — e fez o sinal da cruz, arrepiando-se inteiro. Mas ir ao médico não ia.

Sentou-se na cama desanimado e pensou na hipótese de fazer algo para se ajudar. Afinal, seria uma pena adoecer seriamente, sendo ainda tão moço.

Tendo já perdido horas do sono, apagou mais uma vez a luz e se deitou, virando-se de lado. Ao acordar, estaria tudo como sempre foi: sem calombo. Fungando e gemendo, virou-se então do outro lado, tomando cuidado para não pressionar a região inflamada. Conseguiu ficar assim alguns minutos, mas, por fim, arregalou os olhos na escuridão. Puxou o despertador para bem perto do rosto abatido e tentou enxergar as horas. Eram ainda três da madrugada. Sabia que seriam longas voltas no relógio até chegar a hora de ir trabalhar.

Sinval era um empregado da prefeitura de Edenópolis. Atendia os munícipes num balcão de reclamações e ouvia todos os dias, o dia inteiro, o ralhar de pessoas sobre os mais diversos problemas. De tanto que ouviu as reclamações dos cidadãos, tornou-se uma figura conhecida na cidade.

“Vai lá e fala com o menino bonzinho do balcão”. “Não fala com aquela megera que trabalha com ele”. “Se não resolver o problema, dá uma passadinha lá no Sinval, ele certamente resolverá” — era o que diziam todos os veteranos da fila de reclamações aos novos candidatos a engrossar aquele cordão de insatisfeitos.

Ele travava conhecimento com pessoas dos mais variados segmentos da sociedade. Eram advogados querendo prioridade em algum caso judicial mais demorado, velhos aposentados da prefeitura alegando que o pagamento de seus benefícios estava atrasado, pessoas sem nome e vez que se dirigiam até o balcão da prefeitura apenas para pedir um prato de comida. Muitas vezes ele terminava o dia com a sensação de ter sido usado como recipiente para as amarguras e insatisfações alheias. Porém, aguentava impassível todas aquelas queixas e até mesmo palavrões e caras feias. Parecia que nada o abalava, e até mesmo acreditava, conforme todos diziam, que tinha nascido para aquilo. Quem acabava de conhecê-lo se admirava de tanta calma

e logo reconhecia nele uma boa índole de rapaz bem-educado.

Sinval, na visão de toda aquela gente, era um rapaz diferente. Havia estudado mais do que a média dos rapazes da cidade e falava de um jeito bonito. Tinha modos de doutor. As mulheres da prefeitura, bem como as da sua vizinhança, só não se conformavam com o fato de um moço tão zeloso ainda estar solteiro. Dona Severina, sua madrinha de crisma, não deixava de dar conselhos ao relutante mancebo e, às vezes, até insinuava que gostaria de vê-lo casado com sua filha, Isaurinha. No entanto, o único sentimento que Sinval conseguia nutrir pela menina era o de pena, percebendo ser a pobrezinha extremamente controlada pela mãe. Achava até que a garota havia ficado com aquela cara de molambo e com o corpo franzino devido ao excesso de proibições da madrinha. Já na prefeitura, nem mesmo seus colegas nunca o ouviram falar sequer de um namorico fortuito com alguma rapariga. Nem um flerte, nem uma olhada de soslaio nas saias das meninas, nem um comentário, nada! Às vezes até parecia ser um anjo; era o que as meninas desde a época do colégio comentavam entre si. Os rapazes na prefeitura viviam armando situações para levá-lo ao botequim Paraíso, na verdade um bordel disfarçado, e assim contribuir para que ele fosse iniciado por uma daquelas mestras no ofício. Mas Sinval sempre arrumava um jeito de se desvencilhar das situações indesejáveis. Só ele mesmo sabia o que se passava em seu mais profundo ser, e pensava que não devia satisfações de sua vida pessoal a ninguém. Quando tinha de falar sobre si mesmo, era breve em qualquer comentário. Não gostava de dar margens a outras perguntas ainda mais pessoais a seu respeito.

O que de verdade ninguém sabia é que, secretamente, ele mantinha mais que uma simpatia por uma moça sardenta, de cabelos avermelhados, chamada Rita, sua colega de seção havia quase cinco anos. Rita era do tipo dominador e, apesar das formas arredondadas e fartas, não atraía a maioria dos homens que a conhecia. Até parecia ser mais um homem entre os outros. Ela dava opiniões sobre futebol, chamava os rapazes por seus apelidos e gostava muito de contar piadas, algumas delas muito sujas. De todas as mulheres que os homens da prefeitura conheciam, ela era a única que morava sozinha. Era também durona e sabia como ninguém fazer prevalecer seus direitos. Não admitia que zombassem dela ou a tratassem com rudeza. Ela punha ordem naquela repartição pública. Ah, punha sim! Quando grupos de moradores vinham em conjunto reclamar, ela, com voz de autoridade, fazia com que respeitassem a norma do estabelecimento, mandando-os calar a boca e elegendo um representante do grupo para que pudesse haver ao menos um diálogo civilizado. Não era à toa que Rita tinha a fama de megera e mandona. Mas Sinval conhecia o seu lado encantador e sensual; sabia que no fundo se tratava de uma moça que guardava no coração os sonhos de um matrimônio, conforme ela mesma o havia confidenciado um dia.

Foi convivendo com ela diariamente, durante todos esses anos, que um desejo muito forte em seu peito brotou. Ele até percebia que havia uma reciprocidade no olhar de Rita, mas reprimia seus instintos e não deixava transparecer a ninguém seu sentimento. Achava que tudo o que conseguiu até então deveria agarrar e não largar mais, pois para ele as coisas não vinham fáceis, inclusive seu emprego. Algumas vezes até chegava a pensar que deveria mudar esse jeito de ser e pensar, mas o medo de tudo o dominava, e o futuro mais brilhante que podia almejar era a aposentadoria que receberia após muitos anos de trabalho na prefeitura. Essa forma de encarar

a vida, em muito, se devia a educação que havia recebido de sua mãe.

Ninguém poderia negar que dona Leonor era uma mulher especial. Figura carismática e meiga, já havia entrado na casa dos cinqüenta; mas um quê da beleza que possuiu em sua juventude havia permanecido até aqueles dias. Não descuidava da tinta no cabelo e passava horas a fio espalhando cremes pelo rosto, braços, pescoço e escovando os cabelos ainda sedosos. Jamais saía de casa sem se emperiquitar; parecia que estava sempre indo ao encontro com um namorado. Mas Sinval era o único bem que possuía na vida. Ela perdeu o marido quando ainda muito jovens, e decidiu que nunca substituiria o amor que sentia pelo falecido. Após a dolorosa perda, abandonou as aulas que ministrava no colégio e passou a viver da pensão que o ex-marido lhe deixou. Seu entretenimento era agora os afazeres domésticos e os caprichos que dispensava ao filho. Nas horas vagas, sentava-se na poltrona acolchoada da sala e lia por horas, ou então escrevia inúmeras cartas à parentela. Dona Leonor dedicava sua vida a Sinval e lhe fazia qualquer coisa que estivesse a seu alcance, porém não se atentava aos danos que isto causava à vida do rapaz.

Aquela madrugada parecia se estender infinitamente. Andando de um lado para o outro em seu quarto, Sinval não pôde mais descansar. Desta vez, parece que o destino o havia pegado de jeito. “Será que é a somatização de algum problema psicológico?" — pensava ele, andando de um lado para o outro, tomando cuidado para não fazer barulho. Foi num livro de psicologia que ele havia lido, certa vez, sobre somatizações. O livro rezava que aquilo que não vivemos acaba se instalando em nosso corpo sob forma de doenças, e que tudo tem raiz em nossas mentes.

Alheio a qualquer interferência filosófica, o calombo continuava a crescer dia a dia, cada vez mais. Parecia que um osso duro e farpado começava a rasgar a carne de dentro para fora, como se do nada a espinha dorsal começasse a brotar. Arrepiavam-se seus cabelos, inclusive os novos que estavam nascendo, todas as vezes que imaginava o fim que ia dar aquilo. E, além do mais, ele não conseguia entender o que aquele monte de pelos grossos tinha a ver com o calombo.

Às seis horas da manhã, Sinval já estava aprumado para ir trabalhar. Vestiu sua calça mais folgada para que não pressionasse tanto a parte inchada e andava impaciente de um canto ao outro da casa, indo toda hora até a sala para ver que horas era no relógio cuco. Não conseguindo esperar nem mais um segundo, saiu apressado como se estivesse atrasado e deixou dona Leonor à soleira da porta, sem que a visse, pois ela já havia se levantado, percebendo que algo de incomum estava acontecendo com o filho.

Ele seguiu em direção à prefeitura de forma mecânica, mas, no meio do caminho, se deu conta de que não tinha para onde ir, uma vez que a prefeitura ainda estava fechada. O único comércio que poderia estar aberto naquela hora era o botequim Paraíso, com sua vida noturna agitada, onde as prostitutas eram o prato principal da casa.

Acossado por aquele suplício, ele entrou no botequim, encostou-se no balcão e pediu um café forte. Uma música indecifrável soava na rádio mal sintonizada e o ar que se concentrava no recinto era quente e vencido, cheirando a cigarro, suor e bebida azeda. Algo lhe corroía por dentro e ele não sabia o que se passava consigo. Nunca havia acontecido algo assim e a sensação era a de uma profunda dor. Bebericou o café e, sem tirar o copo da boca, olhou a seu redor. Foi então que percebeu a presença de várias mulheres de caras rebocadas, trajando roupas coloridas e bastante decotadas. As raparigas, segurando cigarros finos e compridos entre os dedos trêmulos, fitavam-no com languidez e malícia, e algumas soltavam risos enfastiados e breves, olhando em sua direção. Enrubescido, deu o gole final no café gelado. Edeusina, a dama mais cobiçada do botequim, aproximou-se balançando os quadris com exagero, feito uma deusa hindu. Tratava-se de uma balzaquiana de longos cabelos pretos e ondulados, pele pálida, olhos grandes e felinos. Uma comprida e felpuda echarpe enroscava-se no seu pescoço e deixava-se cair pelo corpo magro, escondendo levemente as coxas desnudadas. Sentando-se num banco bem próximo a ele, colocou sua bolsinha no balcão, virou as pernas para o seu lado e disse com voz de veludo:

— Nossa! A que devemos o prazer de tão ilustre visita? — E olhou-o de cima a baixo, com olhos gulosos.

As mulheres que se encontravam ali cochichavam, fazendo caras e bocas. Umas riam abafado, inclinando o corpo para frente e se apoiando sobre o balcão num verdadeiro deboche. Outras interromperam os namoricos com alguns homens para ver no que ia dar aquela história. No botequim, de repente, fez-se silêncio de velório.

— Desculpe, eu não ia entrar aqui, mas é que está cedo para meu trabalho e então... — falou ele, gaguejando.

— Que bom que está cedo — interrompeu a mulher. — Posso fazer o tempo passar mais rápido para você, se assim quiser.

Então agilmente abraçou as pernas dele com as suas. Puxou-o mais próximo a ela e cravou as unhas em seu peito. Desceu em ziguezague as garras de fera, arranhando sua pele até o botão da camisa não permitir mais.

— É tão bom sentir o hálito de um homem cheirando à pasta de dente, e não à cachaça logo pela manhã — disse, aproximando os lábios de seu rosto e soprando o ar quente dentro de suas narinas.

Neste momento, ele pensou ter ouvido um estalo e repentinamente sua garganta secou. Sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo, desde as pernas, passando pelas costas e se dividindo

pelos braços e pescoço. Uma sensação de choque elétrico voltou como um raio pela espinha dorsal e saiu com violência pelo calombo que enrijeceu e doeu muito. Ele se contorceu, empinando o traseiro e soltando um gemido surdo. Uma moleza tomou conta de seus membros e por um momento suas pernas vacilaram, caiu por cima da mulher que, não conseguindo segurar o seu peso, foi ao chão de costas, juntamente com ele.

Foi uma gargalhada só no bar. Por certo muitas das gargalhadas foram de pura inveja, pois Edeusina foi rápida na aproximação do freguês em potencial, deixando as demais para trás. Sinval se levantou num pulo rápido e ajudou a mulher a se erguer. Ela o encarou com uma expressão grave, olhando-o fixamente, sem piscar. Vendo a cara de assustado do rapaz, sua boca começou a tremer em fluxos intermitentes e, repentinamente, explodiu numa enorme gargalhada, apoiando-se nele numa atitude débil que o deixou com cara de bobo.

— Você é muito estranho, ha, ha, ha! O quê deu em você, homem? Que homem frouxo!

E riu sem parar, apesar da humilhação que havia sofrido perante as colegas, e da fortíssima dor nas costas que a queda lhe causou. Com efeito, ela fez uma enorme força para poder falar quase que normalmente, pois de início havia perdido o fôlego. O rapaz desculpou-se muitas vezes com a mulher, que não o ouviu. Por fim, muito desconcertado, saiu quase correndo do botequim.

Suas pernas se moviam de uma maneira tão frenética que o corpo, pendendo para trás, parecia não as acompanhar. Rapidamente chegou à praça da prefeitura, mirou um banco embaixo de uma grande árvore e, ao alcançá-lo, sentou-se como uma trouxa pesada. Respirava como um náufrago à beira da praia. O sangue fervia em suas veias e queimava em sua testa. Com a vista embaçada, olhou algumas pessoas que passavam pela praça e sentiu o vento que lhe gelava onde quer que batesse. Ainda não conseguia pensar. Um choque leve e contínuo agitava seu corpo e fazia zumbir seu ouvido. Ficou neste estado por longos minutos e esperava que aquilo tudo passasse depois de algum tempo.

De fato, aos poucos, com a chegada dos primeiros raios de sol, as cores dos arbustos e a forma das pedras da calçada foram ficando mais nítidas. A respiração já não se fazia tão ofegante. Lentamente sentiu o ar entrando pelos poros de todo seu corpo e quase lhe rasgou os pulmões de tão profunda que foi a inspirada que deu. Olhou para cima e viu algumas sementes caindo das árvores em movimento de hélice de helicóptero. Achou aquilo engraçado. Nunca havia percebido que aquelas sementes caíam daquele jeito. Soprou um vento mais forte e uma delas foi parar em seu colo. Ele a pegou e analisou sua forma. Um pensamento claro encheu sua mente e seus olhos se abriram. Acariciou aquela sementinha e viu que se tratava de um projeto muito bem feito que servia exatamente para que ela voasse. Sorriu e pensou como tudo parecia estar desenhado de uma forma perfeita para cumprir um grandioso papel: o da manutenção da espécie. Não havia nada sobrando ali. A economia da forma a fazia extremamente eficiente. Pensou que nós, seres humanos, também somos assim: temos nosso rins, nossos pulmões, nossas bocas, olhos, tudo. Estava tudo de acordo com sua função e cada parte era como uma

peça de um quebra-cabeça que, uma vez montado, formava estruturas maravilhosas. Sentiu então uma paz profunda lhe preenchendo. Sentiu-se, mais do que nunca, integrado àquele espaço e que compunha, como qualquer outro elemento, o cenário de coisas e seres que se unem para um projeto ainda maior, que é o mundo, esse imenso mistério.

Uma alegria que brotava de dentro de suas vísceras o deixava leve. Sentia-se jovem e forte, com uma força e disposição que nunca antes sentira. Sentia que queria sair e caminhar sem nunca parar. Sentia que queria os lábios de moças bonitas, se divertir e fazer tudo o que sempre quis fazer: ter a parte do prazer do mundo que lhe pertencia. Sentiu que o mundo lhe dava vontade de viver e que a vida lhe acenava com volúpia, chamando-o para celebrar a existência.

Outra vez um vento forte vindo bater em suas costas soprou, fazendo-o arquear para frente. Teve a sensação de um gelo incômodo na parte de baixo das costas, como se estivessem molhadas. Colocou a mão sob o paletó e sentiu que de fato havia algo que as molhara. Levou um susto, e seus cabelos arrepiaram tanto que até fizeram doer o couro cabeludo quando verificou que havia algo que se projetava de seu cóccix; estava tão proeminente que não podia abarcar com a palma da mão. Apalpou a coisa várias vezes por baixo da calça e pôde ver que sua mão ficou toda impregnada com pelotas pretas e vermelhas de sangue coalhado. Ele estremeceu ao ver em seu paletó uma grande mancha e percebeu que o sangue havia banhado suas costas e nádegas. Temendo que ainda podia haver uma hemorragia, levantou-se de ímpeto e, sem pensar em seu emprego, em todos os problemas do mundo, nem mesmo em sua mãe, andou velozmente, quase correndo, para o hospital da cidade. Decidiu naquele momento que queria se salvar, que não morreria sem ter beijado Rita, sem tê-la segurado com força em seus braços de homem viril e tê-la feito mulher, dado a ela muitos filhos e assim tê-la feito feliz.

Na recepção do hospital, uma senhora baixinha, com cara de sono, ao vê-lo entrar, foi já pegando a ficha de consulta e, sem levantar a vista, lhe perguntou com uma voz estridente sobre o que era o caso.

Ele pensou por um momento e se embaraçou ao tentar classificar para si mesmo o que tinha. Então, gaguejando, disse:

— Fui ferido aqui nas costas — e mostrou brevemente a roda de sangue na camisa, calça e paletó.

A senhorinha serelepe alvoroçou-se, pondo-se de pé e pedindo que a acompanhasse. Num tapa brusco, abriu a porta do consultório e comunicou ao médico de plantão que havia um caso grave: o paciente apresentava algum tipo de ferimento que sangrava muito. O médico, um senhor gordo e com cara de bonachão, apressou-se em fazer o paciente entrar e pediu para que a atendente saísse, pois esta parecia insistir em ficar para ver do que se tratava o ferimento. Pediu então ao paciente que tirasse toda a roupa. Sinval, após tirar a camisa, abrindo-a botão

por botão, baixou as calças e, fechando os olhos, virou-se lentamente de costas para o médico, como que envergonhado e temeroso pelo que ambos estavam a descobrir. O médico, ao ver o cóccix do rapaz, botou os óculos na cara e, num tom horripilante, exclamou em alta voz:

— Meu Deus, o que você tem aqui?

Nesse momento, a atendente que estava com a orelha colada à porta, entrou num estrondo, como que para socorrer o médico em apuros. Enfurecido com a intromissão, o médico colocou-a para fora novamente a empurrões, mas já era tarde, a mulherzinha num instante varreu com os olhos todos os cantos da sala a procura de algo que satisfizesse sua curiosidade e, de olhos em bico, já havia avistado algo que ela logo para si decifrou, e classificou como sendo uma coisa muito feia e assustadora.

O médico, voltando para seu incomum paciente, o fez deitar de bruços sobre a maca. Apanhou uma bacia com água, uma toalha e passou a limpar o local do ferimento. Verificou que já não havia mais nenhum sangramento intenso. Sinval observava, com o canto dos olhos, as feições do médico que variavam muito, ora de repulsa, ora de espanto, ora de curiosidade. Retirando o sangue daquela estranha coisa que pendia no final da espinha dorsal do rapaz, o médico pôde ver que era revestida por uma espessa pelagem marrom-avermelhada. Com um tom de preocupação, perguntou ao paciente se doía, e apertava com a toalha encharcada de água.

— Não, não está doendo. — Foi aí então que Sinval se deu conta de que o cóccix já não doía mais. Agora que o calombo se rompeu e algo que ele ainda não sabia o que era saiu, a dor havia passado por completo. Isso o fez lembrar de uma gravidez. Sim! Parecia um parto o que ocorreu! Mas que abominação foi parida por aquela gestação angustiante? Pela cara de espanto do doutor só podia ser obra do cão.

Depois de terminada a limpeza, o médico afastou sua cadeira um pouco, querendo adivinhar, de longe, do que se tratava aquela forma. Colocou as mãos sobre os joelhos e disse:

— Meu caro jovem, posso lhe garantir que nunca vi algo tão estranho! Como foi que isso apareceu aí?

Sinval contou ao médico tudo o que havia ocorrido desde alguns dias atrás, do sofrimento que teve e principalmente da dor durante aquela noite. O médico se compadeceu do rapaz e pediu para que ficasse ali mesmo, pois iria chamar especialistas para que o caso fosse mais bem avaliado. Mais que depressa, o médico ligou para colegas em Edenópolis e outras cidades próximas. Disse-lhes que viessem com urgência, pois, certamente, o mote lhes renderia alguma matéria para ser publicada na revista de medicina. Seria fama na certa!

O relógio da matriz reboou distante, anunciando mais uma hora cheia. Era agora duas horas da tarde e finalmente estavam todos lá. No total chegaram sete médicos para compor a junta que avaliaria o caso. Dentre eles havia um traumatologista, dois endocrinologistas, um cancerologista, dois clínicos gerais e até um ginecologista. Sinval havia almoçado no próprio hospital e não saiu da sala do consultório para nada. Até mesmo as necessidades fisiológicas eram feitas ali, numa latrina improvisada, atrás de um biombo. Já havia um ajuntamento de enfermeiros e atendentes na frente do consultório a fim de saber qualquer coisa sobre o caso. Sinval, preocupado com Rita e também com sua mãe, pediu ao doutor que as avisasse que estava tudo bem. A telefonista do hospital se encarregou de contar a todos na prefeitura que Sinval estava hospitalizado e que o caso era grave. Foi um fuzuê só! Rita já não conseguia mais trabalhar, preocupada com o amigo, e o povo na fila de reclamações protestava ainda mais, dizendo que a megera não tinha dó de ninguém e que a sina deles era mesmo serem desrespeitados por todos, até por aqueles que os deveriam representar. Dona Leonor correu para o hospital a fim de obter notícias do filho, mas também foi impedida de entrar.

A junta de médicos reuniu-se em torno do paciente e iniciou-se a investigação. Um puxava daqui e outro analisava mais de perto com uma lupa. Um fazia anotações e outro ainda buscava, muito concentrado, numa pilha de compêndios médicos, informações que pudessem servir de auxílio. Os médicos argumentavam entre si, alguns esbravejavam, outros discordavam com veemência, outros ainda apenas ouviam. O traumatologista logo descartou a possibilidade de ser um fragmento ósseo oriundo de uma fratura exposta; nunca havia visto algo como aquilo. O cancerologista disse que, a seu modo de ver, aquilo se tratava de um tumor desconhecido, e que deveria ser realizada uma biópsia para uma conclusão mais científica. Já os endocrinologistas disseram que talvez uma mutação genética havia ocorrido no rapaz, precisando ser investigado se não havia uma alteração hormonal de origem desconhecida, ou até mesmo o consumo de alimentos transgênicos. Foi um alvoroço só entre os médicos que concordaram entre si que os alimentos modificados poderiam causar o fim da espécie humana. Mas, e a respeito dos pelos avermelhados e lustrosos? Todos eles juntos comentavam que os casos de monstruosismo estavam aumentando muito e que alguns tipos de remédios poderiam causar aquilo, ou até mesmo o uso excessivo de defensivos agrícolas. O médico que primeiramente recepcionou o paciente teve a impressão que o pseudotumor havia crescido desde a manhã quando o viu pela primeira vez, havia se esticado, mas achou que era impressão sua e resolveu não comentar nada.

O rapaz, cansado daquela situação, sentia em si o sangue fervilhando como soda gaseificada e lembrava de sua mãe, pois havia saído de casa sem se despedir. Lembrou também de Rita, que devia estar sozinha, dando um duro no trabalho e que talvez estivesse precisando dele. Pensou que tinha tanta coisa para fazer, todo um mundo para conquistar e tinha que ficar ali, esperando alguns médicos decidirem sobre sua vida. Sua paciência estava esgotada e gradativamente uma força o chamava para fora daquele lugar. Algo o impulsionava para que ficasse de pé e andasse. Queria pular, gritar, brincar e correr; queria criar e procriar. Quando todos os médicos se viraram para o painel de análise de chapas radiográficas que acabavam de ficar prontas, Sinval, aproveitando-se da situação, pulou por cima da mesa, abriu a janela da sala e instintivamente deu um salto, atirando-se dois andares abaixo, até o chão. Os médicos só puderam ver o rapaz quando este já corria pelo pátio e pulava o muro dos fundos com a agilidade de um gato, indo pela cidade aos gritos, vestindo os trajes do hospital. O médico do plantão ficou como que hipnotizado a olhar, simultaneamente, a radiografia do cóccix e o rapaz pulando e gritando

como um animal. Olhava ora para a chapa, ora para o rapaz em fuga e por fim exclamou com a voz trêmula, movimentando apenas os lábios:

— Meu Deus, aquilo é um rabo!

Os médicos todos, boquiabertos, agora podiam acompanhar, seguindo a ponta da caneta do clínico geral, a estrutura óssea que se formava no interior daquele invólucro comprido de pelos e carne.

Sinval, numa fuga desvairada, não sabia bem ao certo o que sentia. Somente sabia que havia se libertado e que algo dentro e fora dele havia se expandido. Agora ele podia sentir os cheiros, ver as cores, ouvir os sons e sentir os sabores como nunca antes sentira. Ele correu para o paço municipal sob os olhares admirados de seus concidadãos. Passou pelo saguão principal da prefeitura, subiu vários lances de escada e, chegando à repartição onde trabalhava, encontrou Rita, da mesma forma que um predador encontra a presa após farejá-la. Quando ela o viu, um sorriso incontido de felicidade iluminou seu rosto.

— Sinval! Seu cachorrinho! Quase me mata de preocupação!

Assustando a todos, um colega de outra seção que havia visto Sinval passando com as roupas de interno do hospital entrou apavorado na sala da ouvidoria.

— Sinval, por acaso você fugiu do hospital? É que está vindo aí uma infantaria de médicos, armados de estetoscópios e chapas radiográficas; me parece que estão segurando uma camisa de força. Será que estão atrás de você?

Sinval olhou Rita com um olhar profundo e disse com a voz meiga e calma:

— Vem comigo, vem?

Rita olhou ao redor. Viu as pilhas de papéis que se equilibravam em cima da escrivaninha, a pequena e eterna fila de pessoas que os fitavam com olhos esbugalhados, sem entender patavina do que estava acontecendo naquela repartição, e a garota que havia sido deslocada para cobrir a ausência de Sinval. Ela sentiu que tudo aquilo era tão pequeno diante do momento que se apresentava diante de si, o tão esperado encontro finalmente havia ocorrido, e talvez não houvesse uma nova chance. Rita sorriu e consentiu meneando com a cabeça. Sinval pegou-a pela mão e ambos fugiram pelos corredores do prédio, correram pelos jardins da prefeitura saltando como veados-campeiros e gritando como índios num ritual de guerra. As pessoas que

passavam pelo jardim, segurando pastas, cadernos e bolsas, jogavam seus pertences para o alto e fugiam aterrorizadas, como que diante de um estouro de bois. Naquela fuga louca, o rabo do rapaz balançava faceiro, de um lado para o outro, fazendo grande volume dentro da calça folgada do hospital.

Próximo à porta principal da prefeitura, via-se um grupo de médicos, vestindo jalecos brancos, bradando, suados e esbaforidos:

— Pega, pega! Não o deixem escapar!

Do outro lado da cidade, repórteres da TV da capital chegavam com seus imponentes carros equipados com luzentes antenas parabólicas. O motivo de tamanha propagação da notícia foi devido à senhora da recepção que, ao ver o rapaz pela manhã, foi procurar a redação do jornal da cidade, afirmando a seu único repórter que sabia de uma notícia que seria um furo de reportagem. Mas, para que pudesse compartilhar a notícia, o repórter deveria prometer que citaria seu nome, bem como colocaria sua foto na capa. O repórter concordou prontamente, somente para que ela contasse o que sabia. A tagarela, em tom de mistério, então revelou:

— Uma aberração da natureza apareceu no mundo, e bem aqui em nossa cidade. Pela manhã, deu entrada no hospital um rapaz que possui, atado ao corpo, um rabo! Eu sei que é um rabo, de bicho mesmo. Já vi muitos iguais àquele em cachorros, macacos e em outras bestas. Deus tenha pena de nossas almas – e mecanicamente fez o sinal da cruz três vezes.

O repórter achou que se tratava de uma piada, mas disse à mulher que iria verificar o caso mais de perto e que, se pudesse comprovar o que ela lhe dissera, ele cumpriria sua promessa. Ao chegar no hospital, o repórter viu o grupo de enfermeiros que arrazoavam à porta do consultório e quis saber do que se tratava a discussão. Eles lhe disseram que havia muitos médicos importantes naquela sala a analisar um rapaz, mas não sabiam dizer ao certo o que se passava lá dentro. O repórter, percebendo que não poderia entrar, resolveu dar um telefonema para a capital, avisando seus colegas das emissoras de TV de que havia algo muito estranho ali e que valeria a pena virem conferir.

Distantes de toda confusão que se formou em Edenópolis, lá se iam os dois mancebos pelas largas e novas trilhas. Sinval e Rita puseram-se a correr tanto e por tanto tempo que há muito já haviam ultrapassado os limites da cidade. Estavam agora, mais do que nunca, muito longe de seus próprios limites, pois que esses haviam ampliado-se infinitamente, e esse infinito ficava ainda maior quanto mais corriam para alcançá-lo. Quem os visse correndo assim desse jeito, com tamanha pressa, como se não suportassem ficar mais um dia sequer em Edenópolis, não presumiria que haviam esperado quase cinco anos para poderem simplesmente enxergar um ao outro e a si mesmos.

Após terem atravessado a única estrada que ligava Edenópolis ao vilarejo mais próximo, entraram nas pastagens protegidas por cercas de arame farpado. Seguiram em direção à grande Serra Azul, que se avultava longe, fumando entre picos que desciam em paredões íngremes e escuros, guardada por uma imensa floresta virgem de densa mata e verde exuberante. Nela não havia cercas, a imponente Serra Azul era a dona de si mesma. Subiram morros e cruzaram vastas pradarias; pareciam seguir a um chamado, algo que os puxava e lhes dizia o caminho a seguir. Rita olhava às vezes para Sinval com um olhar sério, mas não demonstrava fadiga, e corria, mesmo sabendo que ninguém mais os encontraria. Sentiam-se seguros e mimetizados entre as árvores e os insetos. Seus pés, ao tocarem o solo, derretiam-se no húmus negro e fresco. Seus odores já eram o do jatobá, a textura de suas peles a das asas da cigarra e o timbre de suas vozes o do canto da araponga. Suas essências e individualidades mesclavam-se e perdiam-se na infinidade e grandeza daquele verde mar. Árvores enormes, cujos troncos disputavam todo o espaço existente no chão, rodeavam-nos e Sinval abria passagem por entre os arbustos e galhos caídos nas encostas das colinas. Sentia como se já conhecesse todo aquele lugar e se orgulhava vendo que Rita o seguia confiante.

A energia que os atraía intensificava-se cada vez mais e uma leveza que se apoderava de seus membros fazia-os deslizar e transpor com facilidade todos os obstáculos do caminho. Cantos de pássaros invisíveis, como que revestidos de mágica, reverberavam no topo das árvores. Continuaram seguindo aquela trilha e por fim chegaram a uma estranha paragem, diferente de todos os outros lugares da floresta. Era uma planície com enormes árvores centenárias que constituíam com suas copas uma grande e alta abóbada, e, com seus troncos, majestosas colunas. No chão, a combinação de arbustos multiformes, folhagens coloridas e a sobreposição de tons de verde formavam a mais perfeita iquebana que o melhor dos paisagistas orientais jamais sonhou compor. Ambos ficaram estáticos ao olhar para cima e ao redor a grandeza daquele lugar. O canto dos pássaros havia cessado e o som que ali reinava era grave como o Om a inundar seus ouvidos. Os raios do sol infiltravam-se por entre os altos galhos e desciam ao chão úmido. Uma névoa levantava-se do chão e bailava pelos feixes de luz. Do outro lado do salão, abafado por um muro de árvores menores, puderam, algum tempo depois, distinguir um murmúrio de água correndo. Sinval tirou suas roupas e as de Rita e, com sorrisos pueris estampados nos rostos, correram em direção ao ruído das águas. Encontraram lá um ribeirão de fundo arenoso que corria mansamente, formando pequenas cachoeiras entre pedras escuras e lisas. Livre de qualquer aperto, o rabo balançava agora garboso e feliz pelo ar, havia crescido muito mais e apresentava-se agora tão bonito e vistoso que até dava gosto de ver e pegar.

Uma sensação de paz encheu seus corações. O ar daquele recinto tornou suas respirações leves e os reabilitou imediatamente da extenuante excursão. A luz suave e cálida do sol, a preencher todo aquele espaço, os inspirou para que enxergassem a tudo com o olhar respeitoso e brando de todos os animais que ali viviam. Definitivamente já não eram mais os mesmos de antes, e sabiam disso. Sinval, tomado por um sentimento místico, levou Rita até o meio do regato e lhe disse:

— Este é o batismo que nos foi preparado. Você agora é como nova; mácula nenhuma existe em ti, pois que és linda, tanto por fora como por dentro — pegou água com as duas mãos, derramou

-a sobre a cabeça dela e passou as mãos molhadas por todo o corpo da mulher. Tornara, assim, invencível as partes onde banhara.

A mulher repetiu os mesmos gestos de Sinval, dizendo:

— Essa água mágica o tornará ainda mais forte e sábio. Oxalá dês à Terra, em retribuição à vida que a ti, por ela, foi concedida, muitos descendentes e que possas proteger tua família e educá-la com sabedoria e bondade.

Tendo destarte resgatado os rituais primitivos há tanto esquecidos nos sótãos da alma humana, ambos se uniram num abraço, abraçando juntamente as divindades de todas as civilizações e de todos os tempos. Depois riram muito, lembrando-se de tudo o que fizeram, da fuga pela cidade, da expressão de medo no rosto das pessoas, dos médicos correndo pelas ruas, e de pura alegria por haverem se encontrado.

A mulher, num gesto rápido, soltou-se dos braços de seu homem e começou a correr rio acima. Ele correu com toda sua força de homem novo, tentando agarrar a moça que escorregava de suas mãos, lisa como um peixe. Sentiu orgulho daquela fêmea e, enfim, após muito esforço, conseguiu segurá-la, apertando-a fortemente entre seus braços. Ela grunhia e gritava, fazendo grande força na tentativa de se soltar. Mas ele, cada vez mais a segurava com firmeza, até que a fera começou a se cansar e seu corpo foi amolecendo. Por fim desfaleceu nos braços fortes do domador. Ele a pegou no colo e, com um ar de altivez, levou-a para o templo dos grandes pilares, deitando-a sobre as folhas mais secas que encontrou. Deitou-se sobre ela e acordou-a dando lambidas molhadas em sua boca. Enroscaram-se num abraço apertado, como se quisessem fundir os dois corações. Fizeram amor gemendo como réus condenados a um açoite de chicotadas cadenciadas e infindáveis, e, no final, veio o gozo tão intenso em que ambos quase morreram. O homem, enlevado a um estado divinal, chegou a exclamar:

— Meu Deus!

Adormeceram profundamente, atando seus corpos com os próprios humores. Um suave aroma de vida inundara o templo e se misturara aos das demais seivas da floresta.

Com o sol se avermelhando junto ao horizonte, os passarinhos começavam a procurar seus lugares nos galhos mais altos e escondidos das árvores, fazendo grande estripulia. Era a hora de se recolherem. O homem despertou lentamente e viu que a mulher, ainda sob ele, já havia acordado, mas estava há algum tempo a acariciar sua nuca e o rabo macio, sentindo a semente lançada dentro de si correr agitadamente a procura de sua Lilith. Ele a beijou com grande ternura e se colocaram de pé. Tinham que arrumar um lugar para passar a noite. Decidiram que ficariam ali mesmo, no templo dos grandes pilares, e começaram a recolher folhas secas para forrar o

chão entre três grandes árvores que formavam uma espécie de ninho. Com galhos secos, Sinval fechou toda a frente, isolando o local. Antes de entrarem, foram à procura de comida e encontraram palmeiras de onde extraíram palmitos, diversas árvores frutíferas, algumas conhecidas, como amoras silvestres, coquinhos, marias-pretinhas, juás, melancias do mato, e outras que não conheciam, mas que sabiam que poderiam comer, observando que os pássaros as comiam. Voltaram para o esconderijo que haviam preparado e dormiram abraçados, ouvindo os sons noturnos da floresta. A noite era fresca e a lua cheia surgia alta na copa das árvores a esculpir figuras incompreensíveis, de contornos prateados, que às vezes pareciam se mexer no meio da mata escura. A mulher assustou-se com um pássaro que passou voando baixo, mas ela se encolheu ainda mais nos braços de seu protetor e de novo adormeceu.

O homem dormiu pesadamente, mas uma manifestação onírica agitou seu mundo particular de símbolos, revelações e premonições. No sonho, ele e sua mulher voltavam para a cidade após muito tempo que haviam partido e entravam pelo Paço Municipal, nuzinhos em pelo, sob os olhares de admiração dos antigos concidadãos. O homem observou, num espanto, que a mulher tinha um belo rabo de longos e finos pelos castanhos claros a balançar com elegância. Ambos se entreolhavam cheios de si e desfilavam naquela magnífica parada pelas ruas principais da cidade. Conforme avançavam, a muralha de gente sorridente ia se abrindo ao meio, conduzindo-os para o Largo da Matriz, onde uma fila de moças muito bonitas os esperava. Entre elas estava Isaurinha, filha de dona Severina, sua madrinha. Quando ambos se aproximaram das garotas, todas elas, com gestos naturais, viraram-se de costas para os dois a ziguezaguear belíssimos rabos enfeitados com lacinhos multicoloridos e pingentes cor de ouro e prata. Alguns rabos estavam tingidos de diferentes cores e outras ainda ostentavam penteados que pareciam ser a última moda. "Como Isaurinha cresceu e se transformou numa belíssima mulher!" — pensou o homem. De repente, a cidade em que sempre vivera e que antes lhe parecia tão sem-graça tornara-se um maravilhoso centro de estética e propagadora de um novo modo de vida. Possuía as mais exuberantes mulheres, tenras donzelas virginais, robustos varões cobridores, gente bonita e interessante, damas e cavalheiros elegantes, de gestos delicados e graciosos. A cidade toda transpirava sensualidade. Homens, mulheres, adolescentes e velhos, circulavam pelas ruas dando passos largos e cadenciados, como numa dança, um verdadeiro ritual de acasalamento e celebração da vida. Sinval pôde reconhecer algumas pessoas no meio da multidão. Estavam lá sua vizinha, dona Odila, solteirona que atormentava a todos com intrigas e fofocas; o filho do sacristão, rapazinho afeminado que ajudava na liturgia das missas; o presidente da câmara dos vereadores, o Sr. João, figura estranha que varava as noites trabalhando nos projetos do prefeito e chamado de "pau-mandado" pelos rivais na política; e também pessoas assíduas na fila de reclamações. Todas elas estavam como que bailando pelas ruas e expondo seus rabos, cujas formas, tamanhos, cores e texturas eram os mais variados. O homem sentiu-se aceito e pertencente ao mundo que o cercava. Sorria jovialmente e acenava em todas as direções. Mas, de repente, como se a luz do baile tivesse se apagado, a grande festa terminou. Cessou a música, petrificou-se a multidão, a cor de tudo e de todos empalideceu e somente o homem pôde caminhar por aquele novo cenário. Estremeceu ao ouvir a voz longínqua de dona Leonor, que o chamava de dentro da cripta sombria onde os sacerdotes da cidade estavam enterrados.

— Filhinho, por que partiu e me deixou nessa penumbra?

O homem correu em direção à porta da igreja, de onde vinha a voz de sua mãe, mas a distância entre ele e a escadaria que dava acesso ao pórtico ia tornando-se cada vez maior. Ele viu as grandes portas da igreja fechando-se vagarosamente e, a despeito da grande velocidade que empreendia, não conseguiu chegar a tempo. Ao alcançar as grossas portas, ele batia e esmurrava-as com a força de cem homens, fazendo-as balançar, mas num esforço vão. Ele chorava e gritava desesperado, queria salvar sua mãe, mas já era tarde, não a veria nunca mais.

O homem acordou num pulo, assustado pelo pesadelo. Estando ainda confuso pelo misto de sonho e realidade, um penoso sentimento de culpa o oprimia. Sentia que tinha um importante papel a desempenhar na vida de sua mãe e também na de muitos outros. Olhou para o ser amado e a visão daquela mulher tão especial, dormindo mansamente, o aliviou. Ele ajeitou seu cabelo com carinho e pronunciou seu nome com ternura, acordando-a depois de um doce beijo de bom dia e um abraço suave. Pôde então contar sobre o sonho que tivera instantes atrás. A mulher ouviu-o com um olhar preocupado e levantou-se resoluta. Vestiram suas roupas e esperaram o mínimo de luz necessária para iniciarem o caminho de volta para a cidade.

Entraram em Edenópolis quando as luzes das ruas e das casas ainda estavam acesas e o céu começava a ganhar cor de azul cobalto. O homem, ao avistar de longe a casa de sua mãe, notou, além das luzes acesas, que havia um pequeno grupo de mulheres conversando em frente a casa. Imaginando o que poderia ter acontecido, um gelo sepulcral lhe apertou o estômago e seu coração bateu acelerado. Diminuíram o ritmo dos passos. Quando dona Odila o reconheceu, começou a dar gritinhos e a exclamar seu nome várias vezes, comunicando aos outros que aqueles pelo qual esperavam haviam chegado. Nesse momento, foram violentamente cercados, empurrados e esmagados por um enorme grupo de pessoas que se escondiam por toda a volta, nas esquinas, moitas, postes e cercas próximas às casas. Foi um pandemônio! Havia dezenas de "flashes" de fotografias relampejando por todos os lados, câmeras de televisão, holofotes iluminando seus rostos e cegando seus olhos, microfones batendo e torcendo seus lábios, caderninhos de autógrafos e canetas arranhando suas faces, pessoas segurando cartazes com frases de apoio e outros de protesto. O homem chegou a rosnar agressivamente, num instintivo gesto de defesa, enquanto apertava com uma das mãos o rabo por dentro da calça, escondendo-o entre as pernas. Gente de todos os tipos estava presente naquela maçaroca; eram grupos de médicos de várias universidades, amigos da vizinhança, as prostitutas do botequim Paraíso, colegas de trabalho, seitas religiosas e gente desconhecida de várias partes da cidade. O repórter grosseirão da maior emissora de TV do estado, muito ágil, lhe perguntou se era verdade que ele tinha um rabo, no entanto não obteve resposta. Um esotérico conseguiu, no meio do alvoroço, esbarrar na sua roupa e saiu gritando a dizer que se sentia carregado de energia. As beatas da igreja acenderam várias velas de metro e, convictas de ser tudo isso o início do juízo final, começaram a desfiar o rosário em alta voz. Do outro lado, um grupo de religiosos tocava pandeiro e, batendo palmas, cantava mantras muito desafinados, completando dessa forma a enorme balbúrdia. Edeusina subiu no cangote de um rapaz e queria ver a qualquer custo o jovem que havia se transformado. Um outro repórter, de uma rádio qualquer, perguntou ao homem se era verdade que se tornara meio humano e meio animal. A esta pergunta ouviu-se, no meio da multidão, um grito de guerra inventado pelos rapazes do time de futebol do bairro: "Au, au, au, o Sinval é animal!". A gargalhada foi geral no meio do povaréu. O homem, de semblante sério, enfrentava toda aquela agitação. Foi então que, tomado por uma grande sensação de alívio, pôde ver sua mãe, igualmente confortada com a visão do filho vivo, fitando-o da varanda com os

olhos marejados de lágrimas. Ele se desgarrou com força da multidão e correu em sua direção. Abraçou-a longamente, com grande ternura. Disse a ela então com profundo amor, segurando-a nas duas mãos:

— A partir de hoje, mamãe, tudo poderá ser diferente. Não mais esperaremos pelo tempo decidir a vida por nós; viveremos com intensidade, com qualidade e sem medo. Existe uma nova realidade que ansiosamente nos aguarda para que nos decidamos, e logo. Não podemos impedir nosso nascimento, mamãe; a natureza sofre com nossos atos mesquinhos! Não pertencemos a nós, temos que deixar esse mundo novo nos tomar e assim pertencermos a ele, como assim sempre foi, é e será; queiramos nós ou não.

O povo, por um milagre dos céus, se aquietou, como que diante de algo misterioso e sagrado. Olhavam atentos, sem piscar, os gestos carinhosos de mãe e filho a se abraçarem e se beijarem. Até parecia que a gleba reunida ali estava assistindo ao último capítulo da novela na televisão. Algumas pessoas, disfarçadamente, enxugavam as lágrimas do canto dos olhos, que haviam chorado por terem reconhecido a si mesmos naquela história. Eram, na verdade, pessoas que carregavam muitas diferenças entre si, mas seus destinos haviam se entrecruzado naquele momento e local. Elas queriam e precisavam viver melhor, com mais autenticidade, com plenitude e com urgência; tão somente para que não morressem, para que seus dias não virassem uma eterna repetição, se esvaindo num eterno círculo vicioso.

O homem acenou para a mulher, solicitando que entrasse na casa com eles. Ela, graciosamente, pediu licença a todos e subiu à varanda. Muitos daqueles que a chamavam de megera já não puderam mais reconhecer naquela moça de sorriso carismático, de gestos harmoniosos, a Rita pimenta ardida e durona que conheciam do balcão de reclamações da prefeitura. Os três acenaram para a multidão, despedindo-se, e entraram na casa, fechando a porta sob o aplauso dos amigos e vaias daqueles que esperavam mais do espetáculo pelo qual nem mesmo haviam pagado. Talvez quisessem ver feras que atacassem e devorassem pessoas, ou caçadores abatendo animais indefesos. Esses que não se deram por contentes, liderados pelos repórteres das grandes emissoras, ameaçavam invadir a casa, mas a polícia, fazendo um cordão de isolamento, continha o populacho e gritava em alta voz que era ilegal a invasão de propriedade alheia e que prenderia quem tentasse invadir.

Dentro de casa, dona Leonor e seus filhos viam os vultos da multidão na janela, forçando para entrar. Escutavam temerosos os gritos, cantos, rezas, risos, frases ditas em coro e os gemidos daqueles que se apertavam em frente da porta de entrada.

— Não podemos ficar aqui. Este lugar já não nos pertence. Edenópolis terá que sofrer uma grande mudança. Esse povo precisa desenvolver uma nova mentalidade, não poderá ficar assim para sempre. — disse o homem, querendo profetizar um melhor destino para a cidade onde nascera.

— E para onde você vai, meu filho? Onde te acolherão? Temo muito que possam te perseguir e te fazer mal. — preocupou-se dona Leonor.

— Temos um novo lar, mamãe. É uma casa espaçosa e aconchegante, com enormes cômodos, tão grandes que para ir da cozinha a sala leva-se horas. Corredores ornados com plantas e arranjos de flores interligam os inúmeros aposentos. Suas janelas abrem-se para um imenso quintal, um rico pomar, piscinas naturais e jardins. Poderemos lá criar nossos filhos com liberdade, segurança e vivermos assim muito felizes — falou sorrindo e olhando para a mulher, que sorriu em resposta, já com saudade daquilo que ele estava a lhe falar.

Dona Leonor se compadeceu da dor que o amor trazia à vida daqueles dois seres, e isso a transportou às suas origens, ao barro feito de terra e saliva do qual era constituída. A sua face pareceu ter se iluminado e seu semblante tomou o aspecto de uma estrela, a expressão de sua idade era a das nebulosas e seu olhar era como os meteoros que vagam com um misterioso propósito pelo universo. A sua bondade foi a centelha que iniciou a expansão do seu ser, fazendo -o perseguir o limite eterno do universo à velocidade da luz, e que, para o igualar, estava bilhões de anos-luz atrasado.

Carregando suas palavras de um sentido cósmico, disse:

— Bendita seja a terra que gerou a vida, reproduzindo numa escala reduzida a grande razão do universo. Compreendemos a ordem do universo olhando nossos próprios olhos, escutando nossas vozes e sentindo o palpitar de nossos corações. As supernovas surgem a todo instante no núcleo de nossas células, os planetas orbitam em nosso sangue e estrelas anãs definham em nossos órgãos. Tudo é apenas um, e ao mesmo tempo nada é igual, nada se repete, nada é indispensável, tudo se completa. O universo é uma grandiosa diversidade, infinita, da qual somos parte.

E unindo as mãos dos dois filhos, abençoou-os.

— Vão para o lugar para o qual foram enviados.

Dito isto, dona Leonor saiu de novo até a varanda e se encarregou de despistar o povo, despachando aqueles que se amontoavam em frente a sua porta. Os dois, aproveitando-se da situação, saíram pelos fundos da casa, sem serem vistos. Subiram no muro e daí alcançaram os telhados das casas que conduziam até um pequeno bosque no sopé de um morro, o qual dava acesso à reserva da Serra Azul.

Ao adentrarem a mata cerrada, começaram a perceber novamente a estranha vibração que os havia guiado ao fantástico templo no dia anterior. Sentiam-se atraídos por aquele ponto da floresta tal qual a agulha de uma bússola pelos pólos magnéticos do globo. Impuseram um ritmo acelerado à longa caminhada, como se estivessem atrasados a um encontro marcado. Seguindo pelos mesmos caminhos de antes, tinham a sensação de estarem voltando para casa. Entretanto, aos poucos, foram notando que havia algo diferente. O lugar onde haviam estado e ao qual chamaram de Templo dos Grandes Pilares não podia mais ser encontrado. Andaram centenas de metros em torno do local sabido, por todos os lados, mas não acharam nenhum vestígio. Não era possível que estivessem errados. Tinha que ser ali! Continuaram procurando o templo numa busca obstinada, confusos e desesperados. Suas mentes estavam à beira de um colapso e seus ânimos prestes a cessar. Andavam cambaleando, tropeçando nas raízes aéreas, escorregando nos terrenos em declive, mas sempre se pondo novamente de pé. Ainda podiam sentir a vibração, mais forte que antes, instigando seus membros e eletrizando suas terminações nervosas, e isso não os deixava desistir. Havia um grande morro de cume rochoso que podia ser distinguido através de algumas poucas clareiras que havia na mata fechada. Não estava muito distante e decidiram escalá-lo, a fim de enxergarem mais longe. Por certo, a cúpula do templo estaria visível lá de cima. Porém, tinham de ser rápidos, pois o sol já vinha se aproximando do horizonte e a noite chegava a galope.

Embora extenuados pela incessante andança, iniciaram a escalada ao alto do morro. O homem, sempre muito gentil, ajudava a mulher na subida e a esperava quando ela se cansava. Ela sorria, com um sorriso maroto, e assim ajudava o homem, dando-lhe força para continuar. Próximo ao topo, uma repentina corrente de ar quente soprou com força, desequilibrando-os. Sentiram uma iluminação estranha a rodeá-los por todos os lados. O homem olhou para o céu e achou que fosse o reflexo das pedras à luz do sol poente. Resistindo ao vento e à vertigem com coragem, subiram ofegantes, mas decididos, até o píncaro mais alto e, por fim, tiveram condições de enxergar a vasta e formidável paisagem.

Não compreenderam inicialmente quando olharam para o lado onde o sol se punha e avistaram todo o vale, que se estendia até o alcançar de suas vistas, derretendo-se numa imensa fornalha de ouro fundido, envolto por uma espessa fumaça que revirava como que em ebulição e mesclava o céu com a terra. O vento que vinha contra seus rostos soprava ainda mais quente e forte. Parecia que ouviam soar em seus ouvidos uma antiga melodia.

Sem acreditar no que seus olhos estavam vendo, assistiram extasiados a fantástica cena na qual as íngremes encostas da grande Serra Azul deslizavam vagarosamente em direção ao solo, como um rio de lavas vulcânicas, e evaporavam-se ao contato com o profundo oceano de árvores. Ficaram embevecidos diante da extraordinária visão. A mulher chamou a atenção do homem para um dos lados da serra e viram algo como um portal magnífico, formado por densas nuvens negras, se abrindo lentamente no horizonte. Raios dourados escapavam do seu interior e resplandecia suas faces, transpassava seus corpos, transfigurando-os. Pouco a pouco, ilhas esplendorosas definiam-se no meio de toda aquela luz. Elas flutuavam serenas num manso mar de azul cintilante, formando arquipélagos paradisíacos, naquele longínquo país que se apresentara diante deles, tão almejado, e que agora estava tão perto, quase ao alcance de seus

braços.

Estranhamente, um barulho surdo e contínuo começou a se fazer ouvir do lado oposto do sol poente, abaixo do morro. O barulho intensificava-se rapidamente e ambos ficaram estáticos, voltados para a direção de onde parecia vir o barulho, aguardando a chegada de algo desconhecido que já começava a terrificá-los. Por um instante, pensaram ser um terremoto. Em poucos segundos, como numa explosão, irrompeu junto ao cimo do morro uma gigantesca massa de asas, penas e bicos, traçando um caminho certeiro, rente às suas cabeças. Isto os obrigou a se abaixar muito rapidamente e os fez entrar em pânico. Eram milhares de grandes colhereiros, jaburus e tuiuiús que voavam apressados, vindo de longínquos e ermos pântanos. Os pássaros estavam em tão grande número que o morro escureceu como se fosse noite. Nada neste mundo parecia poder deter tamanha força. O homem segurou fortemente as mãos da mulher, temendo que os pássaros os fizessem despencar morro abaixo. A situação foi se agravando e, percebendo que não resistiriam ao vácuo que a enxurrada de aves produzia, num ato de completo desespero, ele agarrou-se aos pés de uma das aves com uma das mãos enquanto segurava a da mulher com a outra. Ao se separarem os seus pés do chão, desfizeram-se juntamente os laços que os prendiam à terra e ganharam o céu. Já não pesavam e o pássaro não fez nenhum esforço para levá-los, apenas os ia conduzindo. A visão da descomunal revoada foi sendo desfeita lentamente na distância até se confundir com os vapores e as cores do céu. Finalmente sumiram por detrás das majestosas colunas daquele misterioso paraíso. O portal se fechou num piscar de olhos e as nuvens se dissiparam. Houve um profundo silêncio com a cessação do vento. De toda aquela mágica, ficou apenas o sol poente, que lentamente descia às entranhas do mundo. Ao encostar-se no horizonte, calaram-se todos os animais da floresta. Descia agora mais rapidamente, como um artista a sair de cena, indo iluminar novos céus e buscar para si nova gente.

Eles nunca mais retornaram à cidade. Muitas histórias surgiram a respeito das estranhas coisas que se via acontecer próximo a Serra Azul e também do paradeiro do estranho casal. Há boiadeiros que juraram tê-los perseguido após vê-los correndo pelos campos, mas disseram que os dois conseguiram fugir, indo se esconder no mato e fazendo com que os perdessem de vista. Outros diziam ter ouvido uivos medonhos vindos da floresta nas noites de lua cheia. Houve ainda quem dissesse que uma nova sociedade de pessoas iguaizinhas a eles estava sendo formada dentro daquele mato sem dono, um bando de gente de rabo, pelos e que só sabia procriar. Acreditavam que um dia aquilo haveria de ser o fim do mundo. Outros acreditavam ser o início de uma nova civilização, mais evoluída e integrada à natureza.

O estranho mesmo — e isso se tornou fato noticiado pelos jornais e investigado pela polícia — foi que outras pessoas continuavam a desaparecer na cidade de forma muito misteriosa. Tão somente iam embora e não voltavam nunca mais; ninguém sabe se levados, sequestrados ou idos por conta própria. Listas de desaparecidos assomavam-se nas portas do comércio e igrejas. O filho do sacristão foi visto pela última vez por muita gente na cidade quando num fim de tarde passou correndo como um louco, atravessando o centro do comércio do jeitinho que veio ao mundo, gritando, uivando, usando às vezes as mãos e os pés ao mesmo tempo, como um cachorro do mato. Sem mais nem menos se adentrou na floresta e sumiu, para desgosto de seu

pai que nunca mais o viu. As más línguas diziam que o excesso de missa e pregação devia ter mexido com os miolos do menino. Também Isaurinha, a filha da madrinha, desapareceu. Encontraram dias depois seu vestido no meio do mato, todo rasgado e coberto de pelos. Gente entendida no assunto dizia que isso era feito de lobisomem, coisa do cão dos infernos. Até dona Odila, quem diria, mulher esperta que não perdia nem um lance sequer de tudo o que se passava no bairro, trancafiou-se dentro de casa por quase um mês inteiro. Num Sábado à tarde, com o sol se pondo, saiu bailando pelas ruas como uma assombração, vestida de noiva e com um buquê de flores na mão. Atirou-se no Rio Fison e nunca mais foi encontrada, nem mesmo o seu corpo para que pudesse ser enterrada com honras de cristã. Outro caso estranho foi o do Senhor João, o "pau-mandado". Dizem que, de um dia para o outro, não queria mais saber de trabalhar. Só sabia de querer perseguir as mulheres que trabalhavam na prefeitura; levantava as saias de umas, mandava bilhetinhos indecorosos para outras, e piscava maliciosamente, flertando com todas. Uma semana depois aconteceu que, num ato de completa insanidade, agarrou Lourdinha, mulher do Virgílio do açougue, e carregou-a para fora da cidade. Algumas pessoas ainda tentaram segui-los, mas ele era muito rápido e parecia ter se tornado muito perigoso. Às vezes detinha-se e arreganhava os dentes para quem viesse atrás deles. Algumas línguas ferinas disseram que Lourdinha não fez a menor objeção e que deixou ser levada. Os que viram a cena do rapto relataram que, enquanto sumiam no meio do mato, ambos gritavam, rugiam, mugiam e cacarejavam como animais ensandecidos.

Grupos de busca foram organizados para tentar encontrar pistas dos desaparecidos no meio da grande reserva da Serra Azul. Iam com rifles carregados até a boca de balas de grande calibre e outros com sedativos, uma vez que algumas pessoas que sumiram pareciam ter sido vitimadas pela hidrofobia. A ordem era de atirar se as vidas dos que davam busca fossem postas em risco. Mas ninguém foi encontrado, apenas algumas pegadas, chumaços de pelos, fios de cabelos e peças de roupas.

Como tudo na vida vai se desgastando com a falta de novas coisas, por não haver mais notícia dos desaparecidos, aos poucos, a cidade foi voltando ao ritmo normal. Só ficou a tristeza daqueles que nunca mais viram seus entes queridos. Dona Severina ficou tão abatida que calou a boca e nunca mais falou uma palavra sequer com ninguém. Também foi grande o vazio das pessoas da fila de reclamação, que agora tinham somente pessoas indiferentes ou antipáticas para atendê-las.

Outra pessoa que foi embora e deixou todos atônitos na cidade foi dona Leonor. E isso depois de um bom tempo que já não sumia mais ninguém. Os investigadores de polícia não se perdoaram por não terem ficado vigiando sua casa o tempo todo, pois era óbvio que ela também iria sumir. Simplesmente, numa certa noite, a sua casa foi encontrada com as portas abertas e abandonada, com as panelas sujas no fogão, a cama por arrumar, os vestidos todos nos cabides e a toalha de banho embolada sobre a cama. Coisas que ela em sã consciência nunca faria, era de fato uma mulher muitíssimo organizada. Mas sumiu! Alguns arriscavam palpites dizendo que ela ficara tantã com o desaparecimento do filho. O desumano foi e veio, e foi de novo, realmente eram golpes para matar uma mãe do coração ou, ao menos, deixá-la com o tutano fraco. Por a casa estar naqueles frangalhos, diziam também ser lógico que ela já havia perdido o gosto pela

vida. Outros preferiram acreditar que seu filho veio buscá-la, uma vez que a prometera isso, logo ele que gostava tanto de sua mãe.

Vez em quando as ex-vizinhas da saudosa dona Leonor se reuniam à tardinha, sentadas em banquinhos à beira das cercas, para discutir sobre o seu paradeiro, e isso era conversa que não acabava nunca, virava e mexia voltava. Se o filho veio buscá-la ou não, se morrera, sobre o que diabos acontecera a ela.

Dona Zefa liderava sempre a conversa:

— Mas quê, comadre? Veio buscá-la, sim! Afinal mãe é mãe, mãe é coisa santa! Não, não senhora, com coisa de mãe não se brinca! Quê? Creio em Deus padre e Ave Maria, pelas almas do purgatório, sô! A dona Leonor nuazinha no meio do mato? Eu que não quero saber dessas histórias comigo… Esconjuro!

As outras deixavam apenas escapar interjeições vazias ou murmuravam desanimadas:

— Mas não é que é mesmo, comadre?

— Pois é. Olha…!

— Valha-me Deus, ô dó!

E a conversa das mulheres prosseguia sempre naquela monotonia, enquanto o sol escarlate, silencioso, lentamente se punha por detrás das árvores e casas, fazendo a todos bocejarem, sem se darem conta que mais um dia havia terminado.